



CARTA TRIMESTRAL DOS INTERCESSORES

Nº 163 – Julho 2018

«A COMPAIXÃO» ... ABERTURA E CARIDADE

Não será COMPAIXÃO uma palavra complicada de definir?

Se nos puserem a questão: «Que é para vós a compaixão?» teremos de reflectir um pouco. E, contudo, para nós intercessores ela está no cerne do nosso empenhamento.

Ter compaixão, «eu sofro com», é uma virtude pela qual uma pessoa é levada a aperceber-se do sofrimento do próximo (ou mesmo sentir) e ser impelida a prestar auxílio. Existe muitas vezes confusão entre o sentimento de piedade e a virtude da compaixão.

Para nós cristãos a compaixão é inspirada pela atitude de Jesus. «Vendo as multidões, Jesus foi tomado de compaixão por elas porque pareciam desamparadas e abatidas como ovelhas sem pastor» (Mateus 9,3).

É verdadeiramente uma virtude pela qual nós, como intercessores, somos conduzidos a entender ou sentir o sofrimento dos outros e que nos faz participar, tanto no coração como na oração, naquilo que eles vivem e sentem. «Jesus ficava movido de compaixão e curava os doentes».

A compaixão evoca um sentimento de fraternidade humana, que nos incita a realizar actos de caridade e de comunhão. Somos assim chamados a socorrer o nosso próximo, abrindo o coração àqueles que vivem em dificuldades. Nós agimos por compaixão realizando toda a espécie de auxílios.

Pela compaixão somos motivados para usar todos os meios necessários para ajudar e libertar as pessoas do seu sofrimento, mesmo que não sejam do nosso convívio habitual, como mostra a parábola do Bom Samaritano. Um estrangeiro intervem para salvar um homem caído por terra que fora assaltado e espancado. Entretanto, outros tinham passado ao lado sem prestar auxílio.

Como intercessores, podemos ser bons samaritanos pela oração que dirigimos ao Senhor, em favor dos que aguardam a nossa compaixão.

BILHETE ESPIRITUAL

A COMPAIXÃO DA VIRGEM MARIA

No dia seguinte à festa da Cruz Gloriosa, a 14 de Setembro, fazemos memória da Compaixão de Maria. Se o título oficial é o de Nossa – Senhora das Dores, o de Nossa-Senhora da Compaixão é também muito antigo e muito evocativo. Maria não é de modo algum estranha ao que o Filho de Deus vive na cruz. Ela, que é «aquela que acreditou», compartilha o que o seu filho vive. Pela graça do Espírito Santo, que a acompanha passo a passo, Maria está ao pé da cruz e, por amor a Deus e aos homens, une-se ao sacrifício de Jesus para a glória de Deus e a salvação do mundo. O que dizer? Quando Jesus lhe dá João para seu filho, Ele faz dela a mãe de todos aqueles que nascerão para a vida nova em sua morte e ressurreição, Ele faz dela a Mãe da Igreja, a mãe de todos os videntes.

A compaixão dá-nos, a nós, viver segundo a graça de Deus e, de acordo com a nossa fé, na esteira de Maria, isto é, ser também «mãe» para os outros, uma mãe que não deseja senão dar vida aos outros, vida que vem de Deus, vida que transfigura toda a tristeza, toda a doença e também toda a alegria. A compaixão implica que desejemos dar-nos, dar o que temos em nós: a vida de Deus, fonte de toda a luz. São Francisco de Assis dizia aos seus irmãos: «sede mães de uns para os outros». Ele dizia isto certamente para que houvesse mais delicadeza, mais atenção, mais ternura, mas mais ainda, Francisco dizia isso para que tudo, em nós, fosse fonte de fecundidade, para que os nossos irmãos e irmãs passassem da morte à vida. Fecundidade de Maria, fecundidade da Igreja e também fecundidade nossa.

Intercessores junto de Deus, a nossa compaixão, levada pela nossa comunhão com os sofrimentos dos outros, tem uma só finalidade: que possamos, nós e eles em conjunto, participar na Ressurreição do Senhor.

Paul-Dominique Marcovitz, o.p.
Conselheiro Espiritual dos Intercessores

ESCLARECIMENTO SOBRE O QUE É A COMPAIXÃO

Compadecer-se é “sofrer com”. A compaixão não é uma emoção. É antes uma atitude que nos leva a ser sensíveis ao sofrimento de alguém. Diante da dor do outro, vivemos emoções diferentes. Pode ser de tristeza, de raiva, de revolta, etc. ..., todas suscitadas pelo que observamos na pessoa que sofre.

É preciso distinguir a compaixão da identificação. Na identificação colocamo-nos, mais ou menos clara e voluntariamente, na posição do outro e reagimos com se fossemos ele. Por exemplo, uma colega acaba de receber ameaças (como já me aconteceu): eu reajo fortemente e digo-lhe como reagiria se fosse ela. É claro que eu associei as duas situações e a minha reacção estava relacionada com a minha experiência. A situação da minha colega desencadeou a minha própria experiência.

A identificação distingue-se também da compaixão pelo facto de se reportar a diferentes assuntos, tanto positivos como negativos, enquanto a compaixão não existe senão diante do sofrimento. Eu posso identificar-me com a minha filha que tem dificuldades nas relações com os amigos ou com o meu filho que vive para o desporto.

É igualmente necessário, distinguir a compaixão da empatia. A empatia é uma atitude que capacita para entender o que outra pessoa experimenta emocionalmente. É, de certa forma, a capacidade de se colocar no lugar do outro para o entender.

Quando somos empáticos, escolhemos voluntariamente experimentar ver e sentir a situação de forma igual ao outro; adoptamos voluntariamente o seu ponto de vista, incluindo as suas reacções emotivas. Mas estamos sempre conscientes de que se trata da experiência do outro (o que não é o caso na identificação). Contrariamente ao que se passa na compaixão, na empatia, nós não somos necessariamente afectados (embora o possamos ser).

Para ser capaz de compaixão, é preciso ser empático. É porque perceber o que o outro vive é o que nos conduz a sermos tocados. Se não tivermos alguma representação não nos comoveremos.

A COMPAIXÃO O SEU SENTIDO CRISTÃO

O que nos leva a fazer boas obras é a compaixão. Jesus estava cheio de compaixão. Em várias ocasiões, a Bíblia menciona: «Jesus chamando os seus discípulos disse-lhes: Estou cheio de compaixão

por esta multidão, porque há três dias que estão junto de mim e não têm nada para comer.... Os discípulos perguntaram-lhe: onde é que havemos de arranjar, aqui neste deserto, pão que chegue para tanta gente? Mas Jesus perguntou: Quantos pães têm aí? Eles responderam: Sete e alguns pequenos peixes...» (Mateus 15, 32-39). Foi assim que apenas com sete pães e alguns peixes os discípulos alimentaram uma grande multidão... e ainda encheram sete cestos com os pedaços que sobraram!

Estes pães e estes peixes podem representar os nossos limitados dons. Deus tem a capacidade de os multiplicar para que possamos ajudar as pessoas em nosso redor. Se estiver envolvido num banco alimentar, se ensinar catequese ou dirigir uma acção de louvor, e se se sentir como os discípulos com os pães e peixes, também hoje será encorajado. Se Deus o chamou para estas obras, Ele multiplicará também os seus pães e peixes afim de que possa alimentar a multidão faminta.

No entanto, sabe o que mais me incomoda quando leio esta passagem? É ver o filho de Deus comovido de compaixão. Ele fica cheio de compaixão por ver uma multidão faminta.

Que sentimentos experimentamos quando vemos uma sociedade faminta espiritualmente? Enchemo-nos de compaixão? A ansiedade é a doença do século. Os idosos morrem na solidão. Não fiquemos inactivos face ao sofrimento. É esta compaixão que nos conduzirá à acção!

Martin Luther King disse um dia: «Qualquer um pode fazer grandes coisas porque todos podem servir. Não é preciso um diploma para servir. Só é preciso um coração cheio de graça, de uma alma regenerada pelo amor...»

Stéphanie Poirier – Top Chrétien

A COMPAIXÃO E A ORAÇÃO DE SÚPLICA

Gostaria, queridos amigos que, ao orar, tivésseis sempre uma convicção forte de que serão atendidos: atendidos pelo Pai, pelo Filho, e pelo Espírito Santo, atendidos no seio da família Trinitária. Onde o vosso lugar está preparado: lembrem-se, de facto, o que Cristo disse? Vou-vos preparar um lugar.” Podem objectivar que falasse do céu. É verdade. Mas a oração é, justamente, o céu, pelo menos no que é a sua realidade essencial: a presença de Deus, o amor de Deus, o acolhimento de Deus ao seu filho.

O Senhor atende-nos sempre.

Melhor: alguns passos na sua direção e Ele imediatamente vêm ao nosso encontro. Lembrem-se da parábola: “Ainda o filho se encontrava longe, o pai avistou-o ficou comovido e cheio de compaixão, correu para ele e lançou-se ao seu pescoço e beijou-o demoradamente.” E, no entanto, como se lembram, esse filho tinha ofendido seriamente o seu pai. Apesar disso esse filho era impacientemente esperado pelo pai.

Henri Caffarel – Cadernos de Oração
Série Iniciação I – Outubro 1966

A COMPAIXÃO E A TERNURA

Envelhecemos sem nos apercebermos disso. Temos dores e temos fraquezas. Às vezes temos medos, temos medo da doença, temos medo da possível solidão, temos medo da morte. Tornamo-nos exigentes com o outro, mesmo muito exigentes. E mesmo assim entendemo-nos profundamente, amamo-nos cada vez mais, não podemos passar um sem o outro. Como viver este passo cheio de renúncias?

Há uma compaixão que não é uma atitude paternalista ou de resignação, mas um sentimento fraterno que nos coloca ao mesmo nível do outro. A compaixão significa sofrer com; significa sofrer e cuidar do outro com ternura e às vezes com um pouco de humor. Significa também acolher com simplicidade as necessidades do outro, deixar-se envolver, consolar, ajudar. Os dois em conjunto voltarmos para o Senhor pedindo-lhe o seu Espírito nesta fase do fim da vida, com uma oração simples e constante.

Esta ocasião, antes da partida definitiva de um ou do outro, é também um tempo privilegiado para reafirmar o amor com ternura, para se beijarem, se tocarem, se acariciarem...talvez a fragilidade do momento nos faça aproximar de um conhecimento mais profundo de nós mesmos que compartilhamos com o outro sem trapacear, sem nada esconder, sempre na procura de um pouco mais de verdade, um pouco mais de amor, um pouco mais de esperança.

O amor conjugal, caminho para Deus – Equipas de Nossa Senhora
Novembro de 2017

HENRI CAFFAREL- A ALEGRIA SERÁ UM PECADO?

Ah ... Quem um dia se abriu para o amor de Cristo, e através dele para o sofrimento dos homens, faz disso a razão da sua

tranquilidade: a compaixão é, no seu coração, uma paixão devoradora! Paixão devoradora, que o leva a agir. Em Deus, primeiro. Quer seja no metro, na rua ou na oficina, ele quer ser a "permanente oração e oferta ". A dor dos homens que nele vive, apresenta-a a Deus. Essa alegria de Cristo que canta dentro de si, deseja que Deus a conceda a todos os seus irmãos. Advogado do infeliz do Senhor, ele também pretende ajudá-los; desejar-lhes alegria e não compartilhar o seu pão, não, não é possível. Entendeu isso a viúva que tem de trabalhar para sustentar os seus três filhos, que teve um gesto que assombra a miséria moral deste mundo; alguns dias atrás, deu-me 250.000 francos dizendo-me: "Eu não resisti, vendi meu anel de noivado; disponha deste dinheiro para ajudar um casal com dificuldades." Ajudar os pobres é bom. Mas isso, por si só, não é todo o dever do cristão. Uma civilização desmorona quando a tranquilidade de alguns é alicerçada na miséria dos outros.

Novas estruturas estão sendo desenvolvidas. O cristão de hoje deve construir um mundo mais justo. Fingir sofrer pela miséria do mundo e não lutar pela reforma deste mundo, é uma incongruência!

Assim, o coração do cristão - falo do verdadeiro discípulo de Cristo - está pesado com o imenso sofrimento humano (e também com o enorme pecado do mundo: mas este é outro assunto). Uma ansiedade queima-o, é verdade o que proclamava São Paulo: "Quem é fraco sem que eu o seja também? Quem tropeça sem que eu me sinta queimar de dor?"

Mas o sofrimento dos homens não esvazia a alegria de Deus. É ela, essa alegria, que em contraste me deixa angustiado. É ela, e não a ostentação de uma angústia estéril, que vem sempre em auxílio de toda a miséria. E se tantos cristãos ainda hoje estão escandalosamente "tranquilos" não é pela falta de ansiedade que devemos reprová-los, mas por não possuir essa alegria de Cristo - que se desenvolve em união com Cristo.

HENRI CAFFAREL A COMPAIXÃO DO PAI PELO FILHO PRÓDIGO

Quando ainda estava longe o Pai viu-o. Isso sugere-nos que desde há meses, o pai ia todos os dias até ao virar do caminho, de onde avistava todo o vale para escrutinar o horizonte, esperando sempre aperceber-se de uma pequena silhueta ao longe. E cada dia, ao cair da noite voltava para casa. É para nos falar de Deus todo-poderoso que Cristo nos mostra este Pai que todos os dias espreitava o horizonte esperando ver o filho voltar, o filho perdido. "Enquanto ele ainda está longe o pai viu-o".

Esta pequena silhueta no horizonte, ninguém mais a reconheceria. Mas alguém terá dito: o amor é a faculdade de adivinhar. O pai rapidamente e sem nenhuma hesitação diz: é o meu filho.

Essa pequena figura titubeante no horizonte, não porque bebeu demais, mas porque está exausto de fadiga, é o meu filho. Ele encheu-se de compaixão.

A compaixão, que é a compaixão? A melhor definição de compaixão, não a encontro no dicionário, mas numa carta de Madame Sévigné à sua filha que tinha bronquite, “minha filha o meu peito dói-me”.

Eis a compaixão, assumir o sofrimento do outro. O pai assume o sofrimento do filho e Cristo quer fazer-nos compreender que Deus todo-poderoso, que o pai da misericórdia, assume o sofrimento do seu filho pecador. Porque este pecador é antes de tudo um homem ferido aos olhos de Deus. É uma criança que se feriu e isso é que é insuportável para ele. Ele padece com o sofrimento do filho e enche-se de compaixão.

Comentário ao Evangelho do Filho pródigo – Editorial da Carta das Equipas de Nossa Senhora

INTERCESSÃO GERAL - FÁTIMA

Pelo nosso serviço de intercessão através oração, recebemos um apelo urgente para viver em total compaixão pelos nossos irmãos atingidos pelo sofrimento, pela doença, por situações angustiantes, por actos de vida complexos que os levam ao mal, ao pecado. Que Jesus nos ajude, pelo seu Evangelho, a viver a verdadeira compaixão por esses irmãos. Compaixão marca do amor de Deus por aqueles que sofrem e marca do nosso próprio amor por aqueles que nos são confiadas pela oração

Que o Espírito Santo ajude a humanidade e a nós próprios a redescobrir o sentido do amor de Deus em cada um de nós que é o apelo à ternura, à partilha à paz à compaixão. Que a Virgem Maria, virgem de todas as compaixões nos ilumine sobre o caminho de santidade que nos conduz através do seu Filho e no Espírito Santo para o Pai de toda a misericórdia.

PARTICIPAÇÃO NA VIDA DOS INTERCESSORES

Agradecemos que aos que possam, que ajudem com uma contribuição financeira para o desenvolvimento dos Intercessores. Ao fazê-lo irão ajudar à difusão da Carta dos Intercessores, à execução de cartazes, a financiar a realização de apoios em países de menores recursos. As contribuições devem

ser dirigidas à ordem das ENS e recebendo um recibo para efeitos fiscais as contribuições superiores a 20 euros. Obrigada.

Equipes Notre-Dame - www.intercesseurs.org
49, rue de la Glacière 75013 PARIS; Tél. : 01 43 36 08 20
intercesseurs@wanadoo.fr

*Se quiseres que os outros sejam felizes pratica a compaixão;
Se quiseres ser feliz pratica a compaixão - Dalai Lama*

Queridos amigos

Realçamos este pensamento de Dalai Lama porque exprime a compaixão. Sabemos como é importante estarmos acompanhados em momentos de angústia. E se esse acompanhamento se traduzir não só em manifestações de apoio mas igualmente em actos concretos de entrega pessoal, nessa altura sentimos realmente que não estamos sós; percebemos a felicidade da partilha por amor e compaixão. A própria etimologia da palavra é disso prova (*compassio / compatiator* que significa literalmente “sofrer junto com” alguém).

Na Bíblia são vários as passagens em que sentimos a compaixão de Jesus e apercebemo-nos como sofria perante alguém que padecia, até experimentar o sofrimento supremo de dar a sua própria vida na cruz para alívio e salvação de uma humanidade sofredora e condenada.

São múltiplos os textos que descrevem essa compaixão e relatados em parábolas (a do credor incompassivo-Mt 18: 23-35; a do Bom Samaritano-Lc 10: 25-37; a do filho pródigo-Lc 15: 11-32) ou em textos que narram a vida de Jesus (a multidão faminta-Mt 14:13-21; os 2 cegos na cidade de Jericó-Mt 20:29-34; a viúva de Naim-Lc 7: 11-17).

Ter compaixão não poderá limitarmo-nos a ter pena, ter misericórdia de quem sofre; deverá incentivarmo-nos a olhar os seus problemas e angústias como nossos, e actuar em conformidade. Mas como isso é tão difícil, agarrados que estamos ao nosso mundo, ao nosso egoísmo. Não será assim que alcançaremos a plenitude. O exemplo da Madre Teresa de Calcutá deveria ser a chama a guiar-nos. A compaixão implica uma completa empatia com o outro e com a sua dor. E poderemos para isso pedir, através da oração, a ajuda sempre presente do Pai pois como diz o Papa Francisco: *Na oração experimentamos a compaixão de Deus Pai, cheio de Amor Misericordioso.*

Abrço em Cristo
Rita e Joaquim